

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 194 — Domingo, 24 de Fevereiro de 1957

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

BONS IMPRESSOS  
E CARIMBOS  
NA —  
TIPOGRAFIA SOCORRO  
FÁBRICA DE CARIMBOS  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO  
Telefone 59 Apartado 3  
AVENÇA

## TEMAS EDUCATIVOS

### ESCOLA NOVA

ENTENDE-SE por «escola nova» uma escola completamente diferente da que até aqui tem existido: enquanto a primeira dá a máxima liberdade à criança, a segunda obriga-a a uma imobilidade completa: enquanto a escola antiga (chamemos-lhe assim) não deixa a criança revelar-se e manifestar-se, a «escola nova» incute-lhe o espírito de iniciativa, prepara-a para a vida, para a luta do dia-a-dia. A «escola nova» é uma porta aberta para a vida; ensina a cada futuro homem a sua verdadeira conduta humana, ou melhor: não ensina, mostra-lhe como deve amar os seus irmãos, os homens, e como se pode formar uma Humanidade mais consciente, mais interessada pelos problemas da Paz, mais desenvolvida e perfeita sob todos os aspectos.

A Biologia e a Psicologia foram postas ao serviço da «escola nova»; todas as suas particularidades foram devidamente estudadas e ensaiadas, de maneira que os métodos de educação estivessem de harmonia com as leis da natureza, dando como resultado uma perfeita adaptação dos sistemas empregados às características psíquicas, intelectuais e físicas da criança, desenvolvendo não só o seu espírito e inteligência como o corpo, de maneira a torná-lo no homem pleno de amanhã. Visou-se alcançar, a par da formação cor-

recta do carácter, uma melhoria física e intelectual da espécie humana.

Deixou-se que a criança se revelasse por si própria e se auto-educasse durante os primeiros anos de vida, facilitando-lhe apenas a tarefa, através de material sensorial adequado; depois, por meio da escola activa, pensou-se na sua formação integral, preparando-a para constituir um membro firme e resolutivo da Humanidade. Visto que o homem,

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

### ACTIVIDADES SUBVERSIVAS NA INDONÉSIA

QUIS o Ministro da República da Indonésia, sr. Soerianata Djoemena, ao abandonar o seu cargo em Lisboa, deixar bem esclarecido aos portugueses certos pontos obscuros sobre o que no seu país tem vindo a passar-se, sobretudo no que diz respeito a acontecimentos subversivos.

ARTIGO DE  
ROLLIN DE MACEDO

vos. E isto porque é do seu próprio entender que a tarefa de um Chefe de missão diplomática é, além da representação do seu Governo perante o Governo a quem se encontra acreditado, a de tornar conhe-



### “VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

inicia uma época de prosperidade»

e «o futuro apresenta-se risonho»

— anuncia o relatório da gerência municipal

NO passado dia 13, realizou-se no edifício dos Paços do Concelho desta vila uma sessão da Câmara Municipal, à qual assistiram, além da respectiva Vereação e componentes do Conselho Municipal as forças vivas do concelho, especialmente convocadas, e muitas individualidades representativas. Durante a mesma sessão, o sr. presidente do nosso Município, procedeu à leitura do relatório da gerência municipal respeitante ao ano findo.

Manifestou o sr. presidente a sua grande satisfação pelo facto de as receitas municipais terem ultrapassado muito as de 1955, devido especialmente ao aumento do imposto do pescado, o qual já não se baseia no proveniente da venda do atum, mas também na venda do peixe miúdo, que no ano transacto excedeu consideravelmente o valor da venda do atum.

Depois de agradecer à indústria local o seu espírito de cooperação, que em mui-

to auxiliou o desenvolvimento da terra, o orador profetizou o início duma época de prosperidade, que advirá do labor piscatório e actividades correlativas, depois das realizações e melhoramentos que estão em curso de efectivação, nomeadamente, a doca de pesca. Seguidamente, encareceu o elevado alcance da criação do Centro Social Polivalente, cujo edifício vai construir-se ainda este

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

### Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Muito filósofa, hoje

Parece-me que nada existe de mais abominável que a crueldade. Mil vezes me mortificaria a mim, antes de mortificar os outros. O grau de civilização atingido por um povo (ou por uma classe), mede-se pelo coeficiente de crueldade que nele subsiste. Um mundo onde a crueldade campeia não pode promover nem atingir a felicidade. E' essa a razão que leva os espiritos rectos e bons a sonhar com um outro mundo, que já possui meios suficientes para extirpar do solo tristezas e desgraças, onde essas desgraças e tristezas não existam, para maior glória e felicidade do homem.

Segundo villancete

Vestiu-se meu inimigo de brancura e solidão. Não lhe aceitei a ilusão.

Pudera fechar a porta ao vento, e dizer-lhe: não, e pudera ficar morta de brancura e solidão. Mas se à minha longa beira corre farta sementeira de flores-dores, então tomei parecer comigo: encarei meu inimigo, não lhe aceitei a ilusão.

É tudo um problema de organização

Tal qual como na casa dos L. Ele é não sei o quê, num banco. Ainda tem uns negócios, também não sei de quê. Ganha bem. Ele, a mulher, um filho. E a criada... A criada é que governa, ou, como diz a má língua: governa-se... Depois, continuamente em passeios, em festas, cinemas, chás. Em casa nunca estão. Sempre na boavai-ela. Resultado: o dinheiro

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## FIGURAS DA ACTUALIDADE

### ADENAUER

QUE Hitler conseguiu deixar em testamento aos alemães foi uma pátria dividida e ocupada.

As suas desmedidas ambições de uma grande Alemanha esboroaram-se como os castelos de areia construídos na praia por crianças habilidosas. Já o Kaiser tinha sido o mesmo ambicioso, e certamente outros virão tomar-lhes o exemplo. Foi um legado demasiado doloroso para os alemães, mas o seu espírito ordenado de trabalhadores incansáveis e disciplinados está obrando prodígios no sentido de refazer e unificar a sua pátria desfeita, e de novo os mercados internacionais, um a um, vão caíndo nas suas mãos.

Adenauer é o homem do leme da Alemanha ocidental. E' o homem que não tem poupado esforços no sentido de conseguir para a parcela de território alemão que governa as prioridades políticas, económicas e militares que estão no sangue e nos anseios dos seus compatriotas.

Apesar de vencidos, os alemães nunca ficam convencidos e continuam sempre a sonhar serem a raça superior que possa dominar o mundo, e servem-se de



todos os processos para o conseguir.

Ao serviço de uma Humanidade pacífica e progressiva, os reais dotes científicos e técnicos que possuem poderiam servir de impulso à completa conquista do bem estar universal.

A importância e valor dos alemães não pode ser posta à margem do concerto das nações, e de tal modo isto foi reconhecido que cada bloco pretende atrair-lhes para si, situação que eles sabem explorar devidamente, impondo as suas exigências e obtendo os seus proveitos.

Adenauer tem sido o chefe admirado pelo seu povo, à altura da missão que todos os alemães dele esperam.

Texto e linóleo de

José dos Santos Marques

cidos, do povo e do país onde se encontra, o seu próprio país e o seu próprio povo.

Evidentemente que naquela tarefa tem a Imprensa de dar, também, o seu contributo e é dentro desse sector que tenho vindo a dar o melhor da minha colaboração nos principais jornais do norte e sul de Portugal.

Como intróito ao assunto que este artigo trata, convém lembrar que a Indonésia teve a sua independência proclamada em 1945 e em 1950 o país foi reconhecido internacionalmente, depois da transferência de soberania dos Países Baixos para o povo Indonésio.

A Indonésia esteve sob o domínio holandês durante 50 anos e quando, no fim de 1949, a soberania foi transferida dos holandeses para o povo indonésio, essa soberania referia-se a tudo que era anteriormente conhecido por Indias Orientais Holandesas. Apenas uma parte não foi dada, desde logo—a Nova Guiné Ocidental (Irian Barat)—ficando para ser decidido nu-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

### O SOCIALISMO E O TRADICIONALISMO EM EÇA DE QUEIROZ

AO acabarmos de ler novamente «A cidade e as Serras», e fizemo-lo com certo esforço, acudiu-nos esta dúvida insidiosa: se se não tratasse duma obra do Eça, o livro mereceria os aplausos e efecundos panegíricos de que tem sido alvo? E surpreendemo-nos que muitos dos categorizados apreciadores da nossa literatura oponham, com fácil desenvoltura e penetrante sagacidade, este livro a um Primo Basílio ou a Os Maias.

E' difícil, sabemos, contrariar as opiniões abalizadas dos ilustres nomes e, de mais a mais,

### ALGARVIOS CONDECORADOS com a Medalha de Mérito Militar

Por portaria de 28 de Dezembro de 1956, publicada na Ordem do Exército n.º 1, 2.ª série, de 1 do corrente, foram condecorados com a medalha de mérito militar de 2.ª classe, por, segundo parecer do Conselho superior de Disciplina do Exército, se encontrarem nas condições dos artigos 26.º e 29.º do Regulamento da Medalha Militar, os maiores, do extinto quadro especial de Artilharia, Mateus Martins Moreno Júnior e de Infantaria, Manuel Pereira Espadinha Milreu.

quando essas opiniões estão sagradas pela velhice dos anos.

«A Cidade e as Serras» é um livro pobre em ideias, um livro pobre em acontecimentos, um livro pobre em figuras humanas e

por N. RODRIGUES PENA

o seu mérito, o único mérito, é ter sido escrito por este mago da palavra, este sublime mas perigoso orquestrador de frases. E' um livro de homem cansado das emoções da vida, de um homem um tanto céptico, finamente cínico, que encontrou a maior expressão desse cinismo na «Correspondência de Fradique Mendes» e desaba no refinamento da palavra, no culto da «cor e o som».

As estadias de Eça na sua «Quinta de Santa Cruz do Douro», as suas deambulações em Paris, pelas margens do Sena, à busca de raridades bibliográficas que lhe falassem do «velho Portugal», o seu surpreendente mas justificado culto pela tradição, tudo isso preludiava «A Cidade e as Serras».

O seu amigo Oliveira Martins, descoroado com os acontecimentos do tempo, desiludido pela

acção política, voltara-se para o estudo e descrição dos tempos áureos: Eça, saturado das «mentiras da civilização», dava-nos um livro magnificamente escrito e a mais falsa concepção da vida do campo. E qual a razão do título da obra? Porque «As Cidades e as Serras»? Mostrar-nos-á esse livro, na verdade, as contradições da cidade e do campo? Constituirá o contexto do romance uma tardia prova, entre nós, da apologia do campo, tal como a fizeram os escritores do século XVIII na França e na Inglaterra?

E não sabemos nós perfeitamente que essa concepção idílica da vida campestre, da apologia das delícias do campo, estava resrita unicamente àquelas pessoas que podiam facilmente deslocar-se da cidade e viver uns dias e uns meses em sítios sossegados e novamente regressarem para o bulício urbano? Ou constituirá «As Cidades e as Serras», apesar dum optimismo aparente e um tanto duvidoso, duma idolatria que atinge o pieguismo pelas coisas simples, um franco e indiscutível testemunho do fracasso do liberalismo? Não se enquadrará «As Cidades e as Serras» nessa

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

### apresenta UMA CRÓNICA por semana

zem-se em vários tons, com maior ou menor alcance.

A par dos escritos destituídos de lógica e de razão, outros aparecem plenos de valor e de profundidade.

Está neste caso o que vamos transcrever do «Diário Ilustrado»:

Os imperadores da estrada

A igualdade dos cidadãos perante a Lei é princípio constitucionalmente claro e exposto. O facto apenas vem demonstrar a preocupação que houve de pôr em letra de forma legal aquele anseio de justiça que vive no es-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

### “LA HIGUERITA”

Na cidade espanhola de Isla Cristina, publica-se o antigo e conceituado hebdomadário «La Higuierita», que há 45 anos vem lutando pelo engrandecimento da sua região. Ao iniciar o seu 46.º ano de publicação ininterrupta, «Noticias do Algarve» não podia deixar de se referir a este semanário, decano da imprensa na província de Huelva.

Dirige este importante jornal o nosso velho e estimado amigo sr. D. Juan Bautista Rubio Zamorano, que completou 70 anos de idade a quando do aniversário de «La Higuierita».

Felicitemos, pois, muito sinceramente D. Juan Bautista Rubio, merecedor de uma homenagem pelos seus desvelos para que Isla Cristina tenha o seu periódico, e desejamos a «La Higuierita» continuidade na sua acção de bem fazer.

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Fizou residência em Faro o nosso estimado amigo e prezado assinante sr. Octávio Rafael Pinto, funcionário superior do Banco de Portugal, que, durante muitos anos, residiu nesta vila, onde deixou imensas amizades.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Martinho José de Andrade, residente em Matosinhos.

Foi a Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. António Gomes Toledo.

Com sua esposa, encontra-se em Lisboa o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. José Vieira Velasco.

Com pouca demora, esteve em Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. António Pinheiro Junior.

Esteve em Lisboa, tendo já regressado a esta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Joaquim Viegas.

De passagem para Espanha, esteve nesta vila o sr. Alexandre dos Santos, proprietário da «Casa Brasil», em Tavira, e correspondente do «Notícias do Algarve», naquela cidade.

Foi promovido a 1.º cabo telegrafista o sr. António Camilo Raposo Palma Rita, filho do sr. António Palma Rita e sobrinho do sr. Joaquim da Palma Rita, nosso prezado assinante, em Sintra.

Regressou de Lisboa, onde foi submetida a uma operação cirúrgica, a sr.ª D. Camila Parreira Toledo, esposa do nosso assinante sr. Firmo Gomes Toledo.

ACTIVIDADES da «Casa do Algarve»

A Direcção da «Casa do Algarve» deliberou, em reunião especial de 16 do corrente:

Entregar na Embaixada Britânica de Lisboa, para oferta a Sua Majestade a Rainha Isabel II, como recordação do Algarve na sua visita a Portugal, duas grandes âncoras de cobre, preciosos trabalhos do artista «Barracha», de Loulé, gentilmente executadas para o efeito;

Tomar conhecimento de um alvitre lançado em 14 do corrente, no «Correio do Sul», de Faro, sobre o concurso aberto pela colectividade para a escolha de música adaptada à letra de um Hino de Sagres oferecida por intermédio do presidente da Direcção e considerar inoportuna qualquer alteração ao dito concurso, visto o prémio estabelecido ter sido consignado apenas à música daquela letra, cujo autor deseja continuar anónimo na composição que for classificada;

Solicitar aos periódicos que publicaram a referida letra a correcção das gralhas saídas nos versos: «O que te importas procelas» e «Basta que os efeitos sem par», que devem ler-se: «O que te importam procelas» e «Basta que os feitos sem par», e a substituição do verso inicial: «Brilha o Sol com mais fulgor» por «Rufam asas de condor»;

Informar que está fixado em 1.000\$00 o «Prémio Libânio Correia» para a melhor composição musical, que for apurada no dito concurso, e alargar até 9 de Abril próximo o prazo para a entrega dos respectivos trabalhos.

ALMOÇO DE HOMENAGEM AO ENGENHEIRO

DR. JOSÉ ANTÓNIO MADEIRA

Reuniu cerca de centena e meia de admiradores, velhos camaradas, colegas e conterrâneos, o almoço de homenagem ao nosso distinto patricio, sr. engenheiro-geógrafo, capitão de Artilharia e astrónomo do Observatório da Ajuda, dr. José António Madeira, promovido em 17 do corrente, no salão de chá «Impérium», em Lisboa, por um grupo de devotados amigos, com a colaboração da «Casa do Algarve», organismo de que o homenageado é elemento dos mais prestigiosos e onde desempenha actualmente as funções de vice-presidente da Assembleia Geral e de representante de Loulé no Conselho Superior Regional.

Vacinação contra a Variola e contra a tosse convulsa

Na Subdelegação de Saúde desta vila, efectuam-se todos os dias úteis, das 14 às 16 horas, vacinações contra a Variola (bexigas) e contra a tosse convulsa (coqueluche).

Recomenda-se a todos os pais que não deixem de fazer vacinar seus filhos, especialmente entre os 4 e 12 anos, contra as citadas doenças.

CINE-CLUBE de V. R. Santo António

Conforme noticiámos, realizou-se em 13 do corrente, no Glória Futebol Clube, a primeira Assembleia Geral do Cine-Clube desta vila, de cuja ordem de trabalhos constava a apresentação de um resumo de actividades e a eleição de corpos gerentes para 1957.

Formada a Mesa pelos srs. dr. José Manuel W. de Mattos Parreira, José Manuel Pereira, Aurélio Bonança e Manuel Cipriano, que na Comissão Organizadora vinham desempenhando, há meses, respectivamente, os cargos de presidente, secretário, tesoureiro e vogal, foi lido um relatório que historiava a vida do Cine-Clube, desde o início até aos nossos dias, focando também os principais objectivos em vista, agora que a situação do mesmo ia modificar-se sensivelmente com a entrada na normalidade.

O sr. dr. Mattos Parreira agradeceu, a seguir, à Empresa do Cine-Foz todas as atenções e facilidades concedidas, e à Direcção do Glória Futebol Clube a amável cedência do seu salão de festas para o acto que decorria. Procedeu-se, depois, à eleição dos corpos gerentes, que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — Presidente, dr. Albano de Lencastre; 1.º secretário, Manuel Horta; 2.º secretário, Manuel da Silva Santos.

Direcção — Presidente, dr. José Manuel W. de Mattos Parreira; Secretário, Francisco Joaquim Caldeira Alexandre; Tesoureiro, Aurélio Bonança; Vogal, Manuel Cipriano; Suplentes — Amândio P. Mairos e Joaquim Gomes Néné.

Conselho Fiscal — Presidente, dr. José Colaço Fernandes; Secretário, Jaime Castanheira; Relator, Manuel Francisco.

Amândio Gonçalves Pontes

Por motivo de viagem turística e de estudo ao Brasil, Argentina, França e Espanha, e não me sendo possível apresentar os meus cumprimentos de despedida a todas as pessoas amigas, venho fazê-lo por este meio, apresentando, igualmente, as minhas desculpas; continuando a minha Firma CONFECÇÕES VIRESA, Lda., ao dispor de todos os meus clientes e amigos que se têm dignado dispensar-me as suas estimadas ordens.

sempenha actualmente as funções de vice-presidente da Assembleia Geral e de representante de Loulé no Conselho Superior Regional.

Presidiu o ilustre deputado pelo Algarve, sr. coronel Sousa Rosal, que deu a direita ao homenageado e sua esposa, e a esquerda aos srs. dr. Quirino Meilha, presidente da Direcção da F.N.A.T., e brigadeiro Lopes Pires, tendo ocupado os restantes lugares na mesa de honra os srs. eng.º José Baptista Lopes e esposa, dr. Humberto Pacheco e esposa, eng.º Laginha Serafim, eng.º D. Maria Rego Chaves, A. Libânio Correia, dr. Belo de Moraes, dr. Vasconcelos Caires, eng.º Sales Grade, eng.º D. Joaquina Marques Alves da Silva, dr. Jaime Afreixo, eng.º D. Maria da Fonseca Maia, major Mateus Moreno, presidente da Direcção da «Casa do Algarve», representando os presidentes da Assembleia Geral e do Conselho Superior Regional, e eng.º José Manuel Martins e Perestrelo Botilheiro.

Nas outras mesas viam-se também categorizadas figuras da intelectualidade algarvia, amigos pessoais do homenageado e muitas senhoras.

Aos brindes, falou em primeiro lugar, como presidente da comissão promotora da homenagem, o sr. eng.º José Baptista Lopes, que depois de dirigir palavras de gratidão a todos os presentes e à «Casa do Algarve», pela colaboração que desde a primeira hora lhe prestou na organização do banquete, disse: «A preocupação da Comissão em eliminar tudo quanto pudesse desvirtuar o vínculo característico desta festa — a amizade, simpatia e admiração pelos dotes morais, intelectuais e de coração do nosso ilustre homenageado, Ex.º Sr. Eng.º Madeira —, levou-a a escolher este salão de chá como local mais apropriado para esta reunião». Acrescentando: «A imprensa, que tanto nos auxiliou na divulgação do nosso pensamento e propósito, apresento, em nome da Comissão, os nossos melhores agradecimentos».

O orador exaltou, em seguida, a obra científica do homenageado e o calor patriótico com que vive todos os problemas a que se dedica, bem como o espírito de solidariedade de que se revestem todos os seus pensamentos e actos.

Sobre os serviços prestados ao Exército pelo sr. eng.º Madeira, como oficial de Artilharia, falou o sr. brigadeiro Lopes Pires; sobre a sua nobilitante acção regionalista na «Casa do Algarve», o sr. major Mateus Moreno; sobre os seus direitos à posse do título de cidadão das Beiras, pelo carinho que lhes dedica, o distinto beirão e regionalista sr. Albertino Ferreira; sobre o seu culto da modestia e desprezo pelas falsas ostentações, o sr. dr. José Pacheco; e ao dever de uma mais expressiva gratidão do Algarve, pelos serviços que lhe tem prestado, o culto escritor sr. J. Mimoso Barreto e o dr. Armando Drago.

Tendo o sr. Mimoso Barreto salientado o sentido patriótico da última publicação do homenageado — o «In Memoriam do engenheiro-geógrafo Artur do Canto Resende», herói e mártir da Pátria, durante a ocupação de Timor — foi guardado, de pé, um minuto de silêncio em memória de tão glorioso soldado do dever.

O sr. deputado Sousa Rosal, num breve mas muito expressivo brinde, recordou episódios da juventude escolar do homenageado e salientou facetas da nobreza do seu carácter e do valor patriótico do seu labor científico e regional.

No seu agradecimento a todas as palavras que lhe foram dirigidas e a todas as presenças amigas que tanto lhe sensibilizaram o coração, o homenageado recordou, finalmente, alguns passos do seu «curriculum vitae», como síntese de um permanente desejo de ser socialmente útil, servir a ciência, contribuir para a valorização da Pátria e dignificar o seu Algarve.

Todos os oradores foram vibrantemente aplaudidos.

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

À VENDA NA Agência Comercial e Marítima do Sul Avenida da República, 65 — Telefone 76 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



PROVINCIA

TAVIRA

Curso de Milicianos

Acabou na passada semana, em Tavira, mais um «Curso de Sargentos Milicianos», o que, durante alguns meses, movimentou esta cidade em todos os aspectos. Tavira ficou novamente deserta e apresenta agora aquele aspecto que lhe é peculiar e que, infelizmente, alguns tavirenses parecem desejar.

O pão

Lemos, nos jornais da Capital, que em Olhão foram levantados três autos contra uma sociedade industrial panificadora, arguida de fabricar pão com falta de peso, que forneceu a uma padaria, a um depósito de pão e a um vendedor ambulante, todos na Fusetta. Apreenderam-se 103 unidades, dos tipos «especial» e «corrente», que foram entregues à Assistência Social, de Olhão. Pelo mesmo delicto foi processado um industrial de Faro, tendo-se verificado faltas de peso, que, nalguns casos, atingiram 145 gramas em 10 unidades. Por Tavira, como a imprensa local nada diz, acreditamos que caminha tudo em mar de rosas; porém, continuamos a verificar que os padeiros ambulantes andam sem balanças e não vendem o pão pesado, como manda a lei. Além disso, os postos de vendas e padarias têm balanças nos balcões só para «inglês ver» e, quando o público pede o favor de pesarem o pão que vai comprar, ainda refilam. Não faz sentido a continuação dum serviço destes numa cidade.

Finalmente: o azeite

Segundo informações vindas a público pelas entidades respectivas, fomos informados de que, a partir de 15 de Março futuro, voltará a aparecer à venda azeite sem mistura de óleo. Já não era sem tempo, visto também sabermos que este ano, na maior parte do País, se colheu azeite muito bom e em abundância. Tavira, um concelho produtor de azeite, não fazia sentido estar a comê-lo do pior, e misturado com óleo.

Carnaval

Muito embora se dissesse em Tavira que o Carnaval começou no dia 20 de Janeiro, somente agora é que se estão a anunciar os bailes de máscaras em sociedades e no cinema local. Vamos ver o que este ano nos trazem estes bailes, únicos divertimentos que se anunciam para a quadra, já que não podemos fazer outras festas de Carnaval, como outrora se fizeram nesta cidade. — C.

Santa Casa da Misericórdia de Vila Real Sto. António

Movimento do 2.º Semestre de 1956

Table with 2 columns: Consultas, Tratamentos, Intervenções de pequena cirurgia, Internamentos, na Maternidade. Values: 954, 2.395, 150, 145, 18.

Movimento de consultas de cirurgia a cargo do distinto médico-cirurgião sr. dr. António Henrique Balté:

Table with 2 columns: Consultas, Operações: Histerectomias, Gastrectomias, Hérnias, Apendicectomias, Tiroidectomias, Outras. Values: 66, 1, 2, 8, 9, 2, 19, 41.

Carnaval de Loulé

Serviço combinado entre Loulé e Loulé (est.)

A Empresa de Viação Algarve, Lda., informa que estabelece nos dias 3, 4 e 5 de Março, um serviço especial entre a estação de Loulé e Loulé, em ligação aos comboios e às automotoras, para facilitar o transporte dos passageiros que se destinam a Loulé e ainda para o seu regresso.

HORÁRIO

Partidas de Loulé (estação) — 8.20, 9.00, 10.20, 11.00, 15.00, 15.45, 14.00, 14.50, 15.20, 16.00, 16.55, 19.20, 21.20.

Partidas de Loulé — 7.50, 8.55, 9.50, 10.55, 12.50, 12.50, 16.20, 17.30, 18.10, 18.50, 18.50, 19.55, 20.50.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia.

ODELEITE

Rev.º Silvério Ferreira da Silva

Em digressão pelo Algarve, acompanhado de seus pais e madrinha, respectivamente, sr.ª D. Joaquina Ribeiro Ferreira e sr. Agostinho Martins da Silva e D. Rosa do Carmo Ferreira, deu-nos o grato prazer de nos visitar o nosso prezado amigo rev.º P.º Silvério F. da Silva, que actualmente, em terras minhotas, exerce o sacerdócio.

Foi em Odeleite que sua reverência disse missa nova; foi em Odeleite onde granjeou amizades como homem — como sacerdote, adentro do templo, são extensivas à classe — foi em Odeleite que o seu prestígio se fez sentir grandemente e foi Odeleite a localidade escolhida no seu itinerário. A notícia da sua chegada correu rápida pela população, sendo muito cumprimentado na residência do sr. professor Alves Rufino.

Retirou, já a hora adiantada da noite, para Faro, sendo, não obstante isso, acompanhado até à saída pelas pessoas mais categorizadas da terra e muito povo, o que demonstra a maneira como sabemos acaruihar e agradecer a quem nos sabe considerar tal como somos.

Manuel João Afonso

Sufragando a sua alma, foi rezada missa, no pretérito domingo, pelo nosso reverendo pároco, António Henrique Oliveira.

É demais insistir?

E' já pela terceira ou quarta vez que nas colunas deste jornal fazemos sentir o desleixo e a falta de solidariedade de alguns proprietários confinantes com o barranco do Cadavai — vulgo da Fonte Penedo — que, a exemplo dos demais, já deviam ter desobstruído, na parte que lhes compete, o referido barranco, o qual, desde Outubro de 1955, se encontra obstruído.

E' precisamente na parte onde o barranco entra na ribeira que faz mais falta ser limpo, e é precisamente ali onde não lhe tocam, resultando as desaguis sobre propriedades de cultura, com forte aborrecimento dos donos, como é natural. Informam-nos de que alguns interessados se têm dirigido ao guarda-rios do cântão respectivo e ao sr. chefe de lanço (Tavira), sem resultado satisfatório.

De facto, não faz sentido que, volvido quase ano e meio depois dos terríveis e devastadores temporais de 1955, ainda se encontre em estado lamentável um serviço que urge ser feito.

Pedem-nos que chamemos a atenção de quem de direito para tal estado de coisas. — C.

FACILIDADES TURÍSTICAS

Por troca de notas entre o Ministro dos Negócios Estrangeiros e o Embaixador de Itália em Lisboa, foi concluído um acordo que estabelece a abolição de vistos entre Portugal e a Itália.

O acordo entrará em vigor no próximo dia 1 de Fevereiro. A partir dessa data, os cidadãos portugueses munidos de passaportes válidos não necessitarão de vistos para entrar na Itália, em viagem de trânsito, negócio ou recreio e, reciprocamente, os cidadãos italianos munidos de passaportes válidos não necessitarão de vistos para entrar em Portugal Continental e Ilhas Adjacentes, em viagem de trânsito, negócio ou recreio.

Até hoje incluindo a República Italiana, aboliram os vistos treze nações: Alemanha, Austria, Dinamarca, Estados Unidos da América do Norte, Gibraltar, Grécia, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Luxemburgo, Suécia e Suíça (incluindo Liechtenstein).

Assim se estreitam relações entre povos amigos e se demonstra como Portugal abre as suas portas aos viajantes que dentro das suas fronteiras procuram a beleza da paisagem e a paz de espírito.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Informamos que estamos procedendo à cobrança das assinaturas referentes à 20.ª série.

Contamos que, como de costume, os nossos estimados assinantes providenciarão de forma a que os recibos sejam liquidados no momento da sua apresentação, o que nos evita desnecessários transtornos e despesas.

Nos nossos assinantes das Províncias Ultramarinas e do Estrangeiro, que tenham as suas assinaturas em atraso, pedimos o favor de nos mandarem as importâncias dos seus débitos, directamente ou por intermédio de pessoas de família residentes em Portugal continental.

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 15 a 21 de Fevereiro:

Entrados: ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio. COSTEIRO, Português, de 630 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos: COSTEIRO, Português, para Lisboa, com minério.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 23 de Fevereiro a 1 de Março, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Assembleia-Geral «da Casa do Algarve»

Por motivo de força maior, a assembleia-geral ordinária da «Casa do Algarve», que deveria ter-se reunido em 14, para apreciação e votação do relatório e contas do ano findo, foi transferida para 28 do corrente, às 21 horas.

DESPEDIDA

Octávio Rafael Pinto, na impossibilidade de se poder despedir pessoalmente de todas as pessoas amigas, vem fazê-lo por este meio, agradecendo, reconhecidamente, todas as atenções e amabilidades com que foi tratado durante a sua estadia nesta vila, oferecendo os seus limitados préstimos em Faro, para onde mudou a sua residência.

FALECIMENTO

Em Aiamonte (Espanha), onde residia e era natural, faleceu a sr.ª D. Beatriz Palma Velasco de Bravo, filha do falecido sr. D. Pedro Palma Fernandes, que foi 1.º alcaide daquela cidade e director do jornal «Las Dominicales».

A finada era irmã da sr.ª D. Camila Palma Velasco de Rita e tia da sr.ª D. Camila Palma Rita e dos srs. António Palma Rita e Joaquim da Palma Rita, chefe da Secção de Processos do Tribunal de Sintra.

As famílias enlutadas «Notícias do Algarve» apresenta sentidos pésames.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

JAZIGO

Vende-se, em Vila Real de Santo António. Trata: Firmo Gomes Toledo.

A ILUSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232 LISBOA TELEF: 25764

Foto-Zinco TRICROMIA FOTOGRAVURA ZINCO-GRAVURA E DESENHO

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do

Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ILUMINAÇÃO

A lâmpada alemã MERKUR, é a que dá luz mais clara, mais suave, menor consumo, e... não é mais cara.

À VENDA NA Agência Comercial e Marítima do Sul Avenida da República, 65 — Telefone 76 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TEMAS EDUCATIVOS

# Escola Nova

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

necessariamente, tem de viver em sociedade, transportou-se a sociedade para a escola — mas devida e equitativamente organizada, em bases de justiça, de moralidade e de perfeita orgânica.

Numa «escola nova», os alunos estudam de uma forma activa e prática todas as partes em que se divide uma sociedade organizada: a forma de governo, o sistema de seguros sociais, a cooperação, o comércio, a indústria, a técnica, a ciência (trabalhando mesmo em laboratórios devidamente apetrechados para a realização de experiências científicas), os direitos e deveres dos cidadãos, todos os ramos, enfim, de que ela se compõe.

A «escola nova» nunca será velha, porque constantemente se renova; não fica estagnada, nem aceita dogmas: é uma experiência permanente: sempre novos ensaios, sempre novas investigações tendentes a aperfeiçoá-la cada vez mais. Se os métodos adoptados ainda não são susceptíveis de conseguir um resultado satisfatório, positivo, absolutamente construtivo, tenta-se novo método, ou modifica-se o já existente, sempre numa ânsia de perfeição, sempre com o fito de realizar uma obra verdadeiramente útil e humana. Jamais se pretenderá impor como dogma uma série de princípios — para os novos educadores todos os princípios são modificáveis, porque todos eles podem estar errados: se o estarão, ou não, o dirá a experiência, o ensaio dos métodos delineados.

Justamente porque a «escola nova» não é uma escola teórica, mas uma escola prática, é que ela tem obtido excelentes resultados.

Todos os princípios são humanos e seriamente expostos e, como tal, todos eles são apenas temporários, enquanto se não revelarem excelentes e dignos de serem adoptados.

Muitos dos métodos já empregados universalmente têm-se revelado excelentes.

Desde o material sensorial até à escola activa, há já um longo e brilhante caminho percorrido. Desde Pestalozzi até às modernas escolas da Dinamarca, há toda uma epopeia grandiosa em prol de uma Humanidade mais sã.

Grande parte dos métodos utilizados saíram há muito da fase experimental e, apesar de terem sido adoptados, são mesmo assim constantemente renovados.

Em todos eles se procurou sempre despertar na criança o desejo de frequentar a escola e o interesse absoluto por todo o trabalho nelas realizado.

A função da «escola nova» não se resume, porém, na educação pura e simples das crianças de que se dispõe; vai mais longe ainda, penetra no âmago da Humanidade: — pretende educar também os homens, sobretudo os pais.

É fundamental que o trabalho da escola não seja destruído pelos pais das crianças e, para combater esse mal que tão nefasto se mostra, a «escola nova» educa-os também, prepara-os para aceitarem as novas teorias educacionais, faz

com que os pais e filhos cooperem e colaborem numa obra comum, encontrando para ambos motivos de interesse para um só trabalho, para uma só tarefa. Ensina-lhes o que cientificamente está provado que é conveniente fazer neste ou naquele caso. Organiza associações de pais; convida-os a colaborar na obra que, sendo sua, é, afinal, de todos. Dá, deste modo, um exemplo de cooperação e de entendimento que é uma grande lição para todos.

Torna-se necessária a divulgação sistemática de uma série de princípios e teorias básicas relacionadas com a biologia, a medicina preventiva, a higiene e a cultura física, entre os pais e as crianças e mesmo entre todos os indivíduos, para que estes possam compreender qual a ideia geral que orienta e anima a «escola nova» e para que se habituem a bem lidar e cuidar das crianças, e mesmo a viver em sociedade com os outros homens.

A «escola nova» preocupa-se com a formação integral do indivíduo — moral, física e intelectual — desenvolvendo-lhe a personalidade e ajudando-o a formar um bom carácter.

A «escola nova» foi posta ao serviço da ciência; o que é fundamental para ela é o aperfeiçoamento da Humanidade, é o conseguir-se uma vida mais sã e mais íntegra. Sob o ponto de vista social, a «escola nova» tem uma enorme projecção no futuro e conquistou, graças às suas próprias virtudes, desde há muito, um lugar aparte na educação.

Sem dúvida que os indivíduos por ela educados serão muito mais cultos — e daí um desenvolvimento absoluto nas ciências, na arte, na literatura e na técnica —; fisicamente, muito mais sãos e, portanto, um maior revigoramento da raça; e muito mais humanos e socialmente esclarecidos, sobretudo muito mais interessados pelo progresso e bem estar da Humanidade, isto é, por uma melhor harmonia e justiça humanas.

A forma dinâmica e absolutamente livre como são educados desenvolve-lhes todas as faculdades receptoras e de raciocínio, proporcionando-lhes um enorme poder de iniciativa e uma firmeza de carácter acentuada. Não são aqueles espíritos mesquinhos e tacanhos, sempre prontos a seguir a maioria e a prejudicar o próximo, num anseio egoísta de só neles pensarem, como o são quase todos aqueles que foram educados pelos velhos métodos; são homens com opinião e personalidade próprias, sempre dispostos a discutir, com inteligência e conhecimento, todos os problemas que se lhe deparam, sempre com a maior e mais absoluta das independências críticas.

Assim serão os homens do futuro, que as «escolas novas» do mundo inteiro estão preparando e que, certamente, continuarão a preparar cada vez em maior número e com os melhores resultados práticos.

José dos Santos Marques

## COLABORE NA D. C. T.

Compreenda a D. C. T., aprendendo os conhecimentos que ela divulga.

## EM PROL DOS BOMBEIROS

### A COLABORAÇÃO DO PESSOAL MOTORISTA MARÍTIMO... — UMA ATITUDE QUE DEVERIA TER CONTINUIDADE NAS RESTANTES PROFISSÕES DA NOSSA TERRA!

A espontânea decisão dos profissionais motoristas da frota de pesca do nosso porto em cooperarem, de maneira valiosa, no movimento em curso para auxílio aos Bombeiros desta vila, não há dúvida de que deixa lugar a avivar-se a ideia de que o seu exemplo bem poderia ser seguido pelos demais sectores profissionais. Poderia e deveria. E' que os serviços, o material, as instalações e a dedicação individual de cada bombeiro — abnegação até ao extremo da própria vida — estão inteiramente ao serviço de todos.

Por isso mesmo, pedir-se a todos a sua comparticipação material em benefício de uma campanha que resulta num proveito geral não será fazer um apelo imerecido ou impertinente. Muito pelo contrário.

Por assim o compreender, *Notícias do Algarve*, que desde a primeira hora tem dispensado a este movimento de solidariedade todo o seu apoio e colaboração, pretende hoje, salientando a posição assumida pelo pessoal motorista marítimo, sugerir aos diversos trabalhadores locais a organização colectiva do seu contributo, ainda que modesto, pois que os poucos, todos juntos, fazem milos.

Por exemplo: — se o pessoal da indústria de conservas de peixe efectuasse, na próxima semana, uma hora mais de trabalho e destinasse a remuneração dessa hora em prol do Fundo para o Quartel dos Bombeiros? Tem a palavra o respectivo Sindicato...

Entretanto, prosseguimos a anotação dos donativos recebidos, agradecendo a todos a sua generosa cooperação:

Transporte . . . . . 17.335\$60

#### Contribuições de motoristas e ajudantes:

Manuel Ferreira . . . . .	30\$00
Sebastião M. da Rosa . . . . .	20\$00
António Dias Gomes . . . . .	20\$00
José Estêvão Cabrita . . . . .	30\$00
Fernando M. Saraiva . . . . .	30\$00
Manuel Guerreiro . . . . .	20\$00
Lucindo E. Ribeiro . . . . .	20\$00
José Pedro dos Santos . . . . .	50\$00
Orlando Parra . . . . .	15\$00
António M. Filipe . . . . .	5\$00
José Baptista Firmino . . . . .	20\$00
José Garcia . . . . .	10\$00
Anibal da Costa Lisboa . . . . .	20\$00
Agostinho R. C. Baptista . . . . .	20\$00
Ajud. de motorista da enviada «Nascente» . . . . .	5\$00
Soma . . . . .	17.650\$60

## Portugal e a Inglaterra um sentimento comum

A NAÇÃO, no exemplar de respeito à sua fidalga hospitalidade, acolheu, com extremos de carinho e entusiasmo, Sua Majestade a Rainha Isabel II de Inglaterra e seu Marido, o Duque de Edimburgo, nesta sua primeira visita oficial à terra lusitana.

O Povo, espontaneamente, manifestou à Graciosa Soberana os seus sentimentos de amizade e estima, a sua lúcida intuição do valor perene de uma Aliança multi-secular que, mais do que na pedra dos monumentos e na letra solene dos Tratados, se mantém, bem acesa, no seu sangue e no seu peito generoso.

Logo que desembarcou no Montijo, a ilustre soberana, familiarizando-se com a paisagem portuguesa, compreendeu, na primeira imagem da nossa terra, o carácter e a suavidade do nosso povo, a galhardia heróica do nosso temperamento, tão nobre, tão fiel aos seus sentimentos e aos seus ideais.

Lisboa recebeu a Rainha com a magnificência e a graça colorida das suas melhores tradições. O espectáculo maravilhoso que se lhe ofereceu, desde o Terreiro do Paço até ao alto do Parque Eduardo VII, de onde contemplou o panorama singular da grandiosa cidade, tocou, decerto, o seu coração e a sua delicada sensibilidade.

Depois, na sua jornada de evocação histórica aos monumentos sagrados de Alcobaça e Batalha, Isabel II ampliou a sua visão da perso-

nalidade do País, que a Literatura e a Crónica do Passado lhe descreveram, com nobre eloquência.

Gentes e terras da lezíria ribatejana, manchas gárrulas de pescadores da Nazaré — imagens de infinita cor da nossa paisagem inconfundível — gravaram-se, sem dúvida, para sempre, nas pupilas deslumbradas da Graciosa Soberana.

E, ao terminar a sua jornada singular, Isabel II despediu-se, em beleza, da nossa terra, ao avistar, do alto, a panorâmica enleante da cidade do Porto.

O nobilíssimo burgo, tal como Lisboa, acolheu a Rainha e seu séquito com os primores da sua atávica fidalguia.

Ali recolheu a Soberana a derradeira imagem de Portugal, levando consigo, no seu coração, a florescência de um afecto e a certeza de um ideal que os seus nobres antepassados souberam criar e engrandecer.

De regresso ao seu país, Isabel II, agora, melhor avaliará o alcance transcendente da sereníssima Aliança, que funde, pelo correr dos séculos, os anseios de Paz e Fraternidade de dois Povos, verdadeiramente amigos.

Acima das mais dolorosas procelas do Destino, para lá dos anseios e decisões dos arquitectos da História, levanta-se, firme e invulnerável, a visão magnífica da ALIANÇA — expressão lídima e vivaz de união e confiança recíprocas de dois Povos de superior civilização: Portugal e Inglaterra.



## Comentário Cinematográfico

### Novas tendências do Cinema Americano

VERIFICA-SE, e isto é bastante animador, que nos últimos tempos o cinema americano começou a adquirir novas tendências definitivamente sociais. (Note-se que a este facto não é estranha a decadente influência do senador Mac Carthy). Há no actual cinema dos Estados Unidos uma tentativa de regresso ao seu período áureo, o dos anos de 40. Desta tentativa surge um cinema com características sociais novas, que são o fruto de uma época crítica como a nossa, mas que prometem ser fecundas.

A par de William Wyler, Billy Wilder, John Huston e particularmente Nicholas Rey, realizadores já definidos e amadurecidos, surge uma série de novos realizadores e argumentistas ainda um pouco indecisos, mas que definem o aparecimento de um realismo novo no cinema americano. Joseph Losey dá-nos «Matou»; Richard Brooks, «A Última Ameaça» e «Sementes de Violência»; Robert Aldrich «The Big Knife» e finalmente Joshua Logan, «Piquenique».

E' justamente o filme «Piquenique» que serve de pretexto a este comentário. A realização de Joshua Logan é segura, e apesar de algumas tendências comerciais, «Piquenique» resulta um filme honesto e vigoroso. A obra foi extraída de uma peça de teatro e adaptada ao cinema pelo argumentista Daniel Taradash. No entanto, a realização pouco se ressentida da influência teatral a que foi sujeita. Pelo contrário, o filme tem uma continuidade e um ritmo caracteristicamente cinematográficos.

A atestá-lo, veja-se a sequência dos concursos, durante o piquenique. De um modo geral, Joshua Logan, em «Piquenique», faz a análise psicológica da vida social de uma cidade de província. As personagens apresentadas são rigorosamente demonstradas perante os nossos olhos, deixando entrever uma sociedade orgulhosa, cheia de vícios e desilusões. Particularmente, Logan opõe o amor e a juventude inconformista a uma sociedade convencional, eivada de preconceitos e interesses.

Hal Carter (William Holden), desembarca um dia, de comboio, na pequena cidade. Mas Hal não é um «homem sem rumo», que

anda ao acaso. Ele sabe o que quer — arranjar uma situação, fixar-se, criar um modo de vida estável. «Nós não podemos continuar sempre sendo bolas de biliar», dissera ele. Hal Carter é um herói moderno, de concepção bastante diferente do erótico e desequilibrado mental a que o cinema americano nos habituou. E' mais humano. Representa uma juventude em crise (neste caso, particularmente, a americana). Daí os seus problemas terem maior ressonância em nós. Mas Hal, apesar das suas boas intenções, encontra a incompreensão de um mundo cheio de interesses, que lhe é hostil.

Até onde o poderá levar essa incompreensão? A sua infância fora demasiado atribulada e cheia de más influências da parte dos pais, para que Hal possa resolver o seu problema só. Se não o ajudarem, até que ponto lhe chegará a responsabilidade, se se tornar mais tarde um delinquente? Hal quer uma oportunidade, mas dão-lha?

Até Alan, o seu único amigo, se revela egoísta e incompreensivo. O amor de Mardge (Kim Novak) foi a única coisa que triunfou, a única realidade positiva. (Mas será suficiente para que Hal encontre a tranquilidade desejada?). Mais que um simples problema de carácter local, «Piquenique» pretende retratar a sociedade americana.

Joshua Logan, com a realização deste filme, põe-se indiscutivelmente, na vanguarda dos actuais realizadores americanos.

David Lopes

**EXCELSIOR**

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

**TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL**

Depositário nesta Vila:  
**MANUEL DA SILVA DOMINGUES**  
Avenida da República  
— Telefone 12 —

Assinal e propagai «Notícias do Algarve»

## EMPRESA RODOVIÁRIA OLHÃO

NOVA CARREIRA ENTRE

Santa Catarina da Fonte do Bispo e Moncarapacho (Em ligação com a carreira Moncarapacho-Faro)

Início em 15 de Fevereiro de 1957

HORÁRIO		
8,15	Santa Catarina	19,50
8,27	Pereiro	19,41
8,35	Moncarapacho	19,30
Não se efectua aos domingos		

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nunca lhes chega e os credores a bater à porta, de castigo. Já não falo nos exemplos que todos conhecem e que vêm nos jornais e nos livros: que no Brasil se deitam ao mar milhares de toneladas de café e de cacau; que na Argentina se queima trigo nas máquinas, em rugar de carvão; que na América do Norte milhares de cabeças de gado são abatidas, regadas com petróleo e enterradas... Isto num mundo onde há tanta gente a morrer de inanição. Em Coimbra vi eu, no ano passado, montes de fruta apodrecida. Dizem-me que é vulgar esse espectáculo em outras terras. E, no entanto, por essa Lisboa, por essas cidades industrializadas, por essas aldeias e vilas do litoral, crianças desvitaminadas ganham dia de festa quando lhes dão uma maçã ou um pêssego.

Porcos, com sua licença

Há uns anos, passei as minhas férias, sabem onde? Em Castendo. Não é possível esquecer mais a vilazinha pacata e boa. Seus ares sadios, sua paisagem calma, sua maravilhosa fruta. Se lhes disser que da Quinta da Insua me mandavam pêssegos como melancias e peras como caboças, dirão que exagero. De facto, exagero, mas só um bocadinho. No entanto, o que mais me encantava eram as maçãs «bravas», de Esmolfe: enormes, com um tom rosado de carne, um perfume de encher a alma.

Esmolfe fica dali a pouco mais de dois quilómetros. Metia pés a caminho e passava a tarde debaixo de uma abastada macieira. De quando em quando interrompia a leitura para tirar uma maçã da árvore. (Naquelles lados, são assim. Para comer, cada qual pode tirar o que quiser...)

Certo dia, aparece-me a dona da propriedade... Uma senhora ainda nova, com uma sombrinha azul.

— Desculpe — disse-lhe — ter invadido assim a sua quinta.

— Fez muito bem. Além adiante tem umas sombras mais agradáveis.

— Quero ainda pedir desculpa de outra coisa. Às vezes, tiro uma maçã da árvore. São maravilhosas...

— Coma as que tiver na vontade, minha senhora. Tenho muito gosto.

— Sempre é prejuízo.

— Não. Mesmo que fosse, ora essa. Mas não. As maçãs dessa árvore geralmente dão-las aos porcos, com sua licença.

Olhem bem para mim: não estou corada? Sim, devo estar. Ainda sinto a vergonha queimar-me o rosto, a estes anos de distância. Maçãs «bravas», de Esmolfe, pérolas deitadas a porcos... E os meninos e os pobres deste mundo de Cristo, cuja bolsa nunca chega a essa guloseima...

A crueldade

de que falei ao princípio

Estava eu muito descansada, quando ouço uma revolução na escada. Corro — e que vejo? A senhora Gutomar caída, com um grande golpe na testa. Todas as vizinhas acorrem. E enquanto uma corre a buscar álcool, outra compressas, outra desce dois lanços à procura do fervedor de alumínio que lhe saltara das mãos, na queda, já outra enfia um casaco comprido para levá-la à Cruz Vermelha. Eu sento-me à beira dela, inclino-lhe a cabeça para trás, a fim de que o sangue lhe não escorra pela cara. Alguém diz que naquela idade era para estar sossegadinha à janela, a ver quem passa. A senhora Gutomar suspira, arqueja, com a mão magrinha na traça do peito:

— Tenho setenta e seis anos, o meu marido faltou-me há dezoito, desde aí que ando a servir. Não tenho ninguém, só uma irmã pobrezinha. Que remédio sendo trabalhar... O meu marido (a senhora Gutomar começa a chorar, sem lágrimas), quando morreu, as últimas palavras que disse foi: menina, vou-te fazer muita falta...

Chora, sem lágrimas. A pele enghelhada do rosto contrai-se mais. Sem lágrimas. Meu Deus! Quanto é preciso ter chorado para se esgotarem as lágrimas nos olhos de uma pessoa.

Maria Manuela Nunes

Visado pela Comissão de Censura

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

Notícias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

ANO IV N.º 194

DOMINGO

24 - Fevereiro - 1957

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

ACTIVIDADES SUBVERSIVAS NA INDONÉSIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ma negociação em 1950. Mas quando os holandeses descobriram que a cooperação com a Indonésia significa a participação livre dos dois países, com igualdade de parte a parte, levantaram muitas diferenças de opinião e todos os planos se reduziram a zero.

Desta forma, a decisão nunca mais chegou. E, o que foi pior, o Governo dos Países Baixos, posteriormente, agiu unilateralmente, incorporando a parte em disputa nos seus próprios territórios constitucionais. Para tornar o problema ainda mais grave, o Governo dos Países Baixos recusa-se, agora, a tratar com os indonésios sobre este assunto.

Mas a Indonésia, como nação jovem, é muito ciosa da sua independência, temendo que alguém a prive dela novamente; tal verifica-se tanto nos negócios internos como externos.

Como é sabido, a ruína de um país pode ser facilmente provocada, fomentando-se o caos dentro dele. E é isto exactamente o que se passa com a Indonésia. Mas o seu Governo sabe bem que tem adversários da Indonésia independente a trabalhar dentro do seu próprio país, instigando revoltas, organizando bandos armados que assolam as áreas rurais, pondo vidas em perigo e, impedindo, deste modo, o funcionamento ordeiro da vida económica do país.

O Governo indonésio tem provas da existência de tais elementos. É um facto bem conhecido que, durante os últimos meses, se tem desencadeado uma campanha contra a Indonésia, à base de acusações holandesas. Mas é bom que se dê a este assunto as suas verdadeiras proporções.

Acabei de ler um curioso

Rollin de Macedo

UMA CRÔNICA POR SEMANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

pírito de toda a gente. Do nascimento à morte, nada existe de mais deprimente para o Homem do que a injustiça. Sofre-se com as injustiças dos mestres, dos companheiros, dos superiores ou dos inferiores, voluntárias ou involuntárias que elas sejam.

É por isso que constitui espectáculo deprimente aquilo que se vê frequentes vezes nas nossas estradas, com muito maior frequência do que a desejada por todos quantos aspiram à aplicação daquele princípio constitucional e ético. Certos cavalheiros poderosos, em bens e influências, com pouca noção de quanto devem aos seus próprios nomes e funções, cometem, ao volante de um veículo, desportivo ou luxuoso, mas com muita força no motor, toda a casta de infracções ao Código da Estrada. Trata-se de uma minoria, é facto. Mas os seus actos são públicos e executados com espalhafato, mercê da sua própria natureza, e têm reflexos profundos sobre a maioria, quando não consequências muito lamentáveis, mandando para os necrotérios vítimas inocentes.

O pior de tudo, porém, é a impunidade de que esses «imperadores» da estrada parecem gozar, especialmente nos casos de infracção simples. Cumprimtambém, sobranceiros, os agentes da autoridade e sabem todos os meandros das engrenagens legais, antecipando-se, muitas vezes, a qualquer reprimenda ou multa, pela prévia justificação dos seus actos ilegais. Alguns têm chega-

do livro cujo título é aquele que dei a este artigo, no qual encontrei elementos que provam que os factos estão pelo lado indonésio.

Da sua leitura depreende-se que a experiência durante 7 anos de relações entre a Indonésia e os holandeses não tem sido nada agradável para aquele país. Os holandeses têm tentado, por todos os meios ao seu alcance, manter quaisquer vestígios de autoridade colonial, prestígio e paternalismo a que se julgam com direito. E para dar execução a esta sua atitude colonial, os holandeses estão decididos a desacreditar a República da Indonésia por todos os meios, internos e externos, quaisquer que eles sejam.

Dado o movimento subversivo existente na Indonésia, conclui-se que o desejo do poder colonial sobre aquele país não morreu nos holandeses. Harry G. Berg, da Federação Americana do Trabalho, afirmou que «ainda há na Indonésia elementos entre os holandeses, assim como na Holanda, que não desistiram da ideia ilusória e louca de que a Indonésia voltará para eles».

O Governo dos holandeses, nas suas relações oficiais com o Estado da Indonésia, tem mostrado, desde 1950, que não está preparado para uma cooperação prática entre os dois Estados livres e iguais. Pelo contrário, tem tomado todas as medidas possíveis para manter a sua antiga hegemonia colonial, o mais que pode.

Em conclusão: a Indonésia tem actuado dentro da justiça, sem renunciar a princípios humanitários, mesmo nos casos contra a sua própria segurança como Estado.

“VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO inicia uma época de prosperidade»

e «o futuro apresenta-se risonho»

— anuncia o relatório da gerência municipal

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ano, para que em breve possa fornecer a assistência e protecção devidas à classe operária deste centro industrial. Para tanto, solicitou a colaboração indispensável da iniciativa particular.

Em relação com a crucial crise habitacional que aflige esta vila, fez o digno presidente várias considerações tendentes a fazer ressaltar a sua acuidade, terminando por afirmar a firme esperança de que o novo projecto de lei, apresentado agora pelo ilustre ministro da Presidência à Câmara Corporativa, conseguirá resolver este problema no plano nacional. No entanto, o orador, por seu lado, prometeu que enquanto estiver à frente do nosso Município, o problema número um das suas preocupações será o da habitação, seguido imediatamente da criação da escola técnica. Para a consecução destes objectivos, pediu a união de todos os vilarrealeses, sem distinção de cores e opiniões políticas ou dissensões pessoais.

Para terminar, foi então apresentado à ilustre edilidade o exame feito às contas de receitas e despesas do Município, no ano de 1956, transacto, em comparação

com as relativas a 1955. Dos números apresentados no citado mapa, verifica-se que o lucro dos Serviços Municipalizados, em 1956, foi de cerca de 275 contos, ficando um saldo, para este ano, de 532.798\$90; que o Turismo acusa também um saldo de 191 contos e, finalmente, que a Câmara entrou no exercício deste ano com um saldo, deveras importante, de 2.290.343\$40, diferença entre a receita, de Esc. 5.596.144\$50, e a despesa, que foi de 3.305.801\$10. Como se declara no relatório, «daqui se conclui que a situação financeira do Município pode considerar-se desafogada, apta a enfrentar uma política de trabalho e de progresso».

O relatório da Gerência foi, finalmente, aprovado pelo Conselho Municipal, e ao mesmo tempo foram também aprovadas várias deliberações tomadas ultimamente pela nossa Câmara. Entre elas, apontamos a reforma do quadro do pessoal menor em serviço, a criação de mais um lugar de escriturário para a Secretaria Municipal e o projecto de construção de casas para pobres, para o qual foi aprovado um empréstimo de 625.000\$00, na Caixa Geral de Depósitos, a contrair pela nossa Câmara.

O SOCIALISMO E O TRADICIONALISMO

EM EÇA DE QUEIROZ

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

atmosfera de desespero, nesse decurso que consistiu no malogro duma «harmonia universal» alardeada pelos teóricos e doutrinadores do livre comércio, e culminou pelo ataque quase unânime ao racionalismo? O que significa o episódio do peixe encaicho no elevador do palácio do Jacinto, essa «charge» deliciosa, senão um libelo risonho contra o domínio da máquina, ou, melhor, contra a técnica, o progresso?

Não há dúvida de que Eça se situa numa posição reaccionária, mas não se avance que o seu nacionalismo, o súbito amor à tradição não nos pode inspirar os mesmos receios, a mesma complacência, ao verificarmos quanto mal servidos estão esses valores.

É natural que muitos prefiram «As Cidades e as Serras» ao «Crime do Padre Amaro», mas afirmam-se-nos ousado levar muito a sério a maneira pouco convincente como defendeu o seu nacionalismo, ou tomarmos muito à letra as suas ideias e argumentos. Se podemos classificar os seus primeiros livros como obras de espírito demolidor, «As Cidades e as Serras» não consegue convencê-los dos seus intuítos constructivos, como alguns pretendem.

Jacinto, um homem excessivamente rico, um tanto «blasé», farto de comodidades, farto de civilização, resolve-se um dia abandonar Paris e a enterrar-se nas suas extensas propriedades do Douro, contactando, parece, pela primeira vez com a verdadeira vida. Jacinto chegara à conclusão, esse infeliz Jacinto, de que as mu-

lheres da cidade eram destituídas de gosto, «umas esgrouviadas», as damas de S. Germain não passavam de incorrigíveis mondonas, uma delas, a sua amante, atraía-o com um reles trintanário; tudo o que exaspera: o teatro, a literatura, a arte, o boeuf-à-la-mode, «os dois mil sistemas filossóficos». Ora, perante tantas catástrofes não existe outra solução senão procurar na vida patriarcal as Joazinhas, e deliciar-se com o saboroso e regional arroz com favas, com o bom caldo de galinha com moela e fígado, «a sopa doirada, o leitão assado, o arroz de forno». Não é difícil, pois, a catequização de Jacinto e nem nos pode espantar que «a ermidinha de S. Joaquim, a branquejar no cabeço, mansinha e cândida», não constituísse poderoso sortilégio para um homem saturado da cidade e das «mentiras da civilização». Para já, pela acolhedora porta da cozinha, ajudado pela arte de Pantagruel, o nosso bom Jacinto abandona o cosmopolitismo e a fantasia da cozinha civilizada pelos tradicionais pratos do «velho Portugal». O nacionalismo opõe-se ao cosmopolitismo, a cozinha de Portugal vence a cozinha francesa, vitória considerável, se nos dermos conta que a culinária gaulesa gozou sempre de grande prestígio.

«As Cidades e as Serras» não destoaria, sem dúvida, numa biblioteca escolhida para meninas atreitas a leituras «cor de rosa». E apesar da sua pobreza de ideias o livro, não falando, é claro, na bela orquestração de frases, tem ainda interesse porque, tocando ao de leve nas questões sociais podemos acompanhar a evolução das ideias do seu autor. O reformismo de Proudhon ainda se faz sentir, um Proudhon filantropo, sentimental, rabugento, a impor ao mundo a sua receita de concórdia e harmonia universais. O Proudhon que chegava a Coimbra pelos caminhos de ferro, tem ainda o seu culto no Eça que penetrou no mundo aristocrático através do casamento com uma senhora da aristocracia portuguesa. Proudhon continuará no decor-

MONUMENTO ao Patrão Joaquim Lopes

EM OLHÃO

A Comissão Promotora do Monumento ao Patrão Joaquim Lopes, na vila de Olhão, reuniu, há dias, na Casa do Algarve em Lisboa, onde ficou instalada, retomando assim os seus trabalhos há tempo interrompidos por motivos de força maior, alheios à sua vontade. Tomaram parte na reunião os srs. Antero Nobre (presidente da comissão), dr.ª D. Maria Odete Leonardo da Fonseca, Arnaldo Martins de Brito, Manuel Valença e João Arcajo Peixe-Rei Rebelo; o sr. António dos Santos Coelho, vogal-delegado da Comissão em Olhão, fez-se representar pelo presidente.

Em primeiro lugar, a Comissão resolveu, por unanimidade e sob proposta do sr. Antero Nobre: saudar o sr. presidente da Câmara Municipal de Olhão e a respectiva Vereação, e nesta todos os olhanenses, afirmando-lhes os seus propósitos de se não poupar a esforços e trabalhos para conseguir, no mais curto espaço de tempo possível, levar a cabo a missão de que se incumbiu; saudar a Direcção da Casa do Algarve em Lisboa e agradecer-lhe a forma amável e de uma pura dedicação regionalista como acedeu a que a Comissão se instalasse na sua sede e utilizasse os seus serviços, bem como todo o apoio e patrocínio que lhe prometeu e está concedendo; saudar também, efusivamente, a Imprensa algarvia e a de todas as localidades, nacionais e estrangeiras, onde existem colónias de olhanenses e solicitar-lhe e agradecer-lhe o seu valioso apoio e indispensável auxílio.

Depois de larga troca de impressões sobre os trabalhos da Comissão, esta resolveu, também por unanimidade: solicitar de todas as pessoas e entidades que têm em seu poder listas de subscrição oportunamente aberta, o favor de lhes remeterem urgentemente, acompanhadas das importâncias porventura já subscritas; à medida que for recebendo estas listas, publicá-las na Imprensa algarvia, conjuntamente com nota discriminativa de quaisquer outras importâncias já recebidas ou que venha a receber; adiar para depois do recebimento das mesmas listas o estudo do seu plano de actividades no Algarve; iniciar imediatamente uma intensa campanha pró-monumento junto das colónias olhanenses nas Províncias Ultramarinas, na Argentina, Brasil, América do Norte e Congo Belga, para o que solicitará a colaboração das Casas do Algarve existentes nas primeiras e a de alguns olhanenses dedicados, residentes nos restantes países; estudar imediatamente um plano de actividades, a efectuar ainda este ano, em Lisboa e seus arredores, nomeadamente, nas regiões de Paço de Arcos-Cascais, Amadora-Sintra, Setúbal-Sesimbra e Barreiro-Montijo; depositar no Montepio Geral todos os fundos já angariados e que venha a angariar com destino ao Monumento.

A Comissão volta a reunir nos primeiros dias de Março próximo, para continuar os seus trabalhos.

«O Dia do Pai»

O Grupo Onomástico «Os José de Portugal» está procedendo à recolha das listas de assinaturas, que foram largamente distribuídas por todo o País, Ilhas e Províncias Ultramarinas, a fim de serem apenas a representação que será entregue, em 19 de Março, na Assembleia Nacional, solicitando que aquele dia seja feriado oficial e considerado como o «Dia do Pai».

As comissões constituídas em todo o País estão ultimando os preparativos para a celebração condigna do Dia de S. José, de harmonia com o programa já estabelecido.

Este Grupo oferecerá um enxoval completo, em cada concelho do País e Ilhas, a crianças nascidas em 19 de Março e às quais seja dado o nome de José.

COLABORE NA D. C. T.

Inscrevendo-se voluntariamente, sem qualquer penhor da vossa independência de ideias, além das que representam os mais puros sentimentos patrióticos.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

rer dos anos da sua existência, apesar das sucessivas transformações operadas na sua vida, a exercer a sua influência.

Rodrigues Pena